



APRESENTAÇÃO
DE ARTIGOS,
ENSAIO DE
GRADUAÇÃO

A edição 2025/1 da Revista Trilhas da História chega ao público atravessada por debates urgentes sobre os usos da história, as formas de resistência ao negacionismo e as possibilidades de reinvenção dos saberes no Sul Global. Se o dossiê deste volume, intitulado “Narrativas da (re)criação dos diferentes campos dos saberes no Sul Global” — organizado pelos professores Cristiano Nicolini (UFG), Juliana Alves de Andrade (UFRPE) e Raquel Alvarenga Sena Venera (UNIVILLE) —, problematiza as epistemologias em contexto de pós-verdade, fake news e negacionismo, os textos que compõem as demais seções da revista caminham na mesma direção. Aqui se articulam debates relacionados à memória coletiva, à subjetivação neoliberal, à convivência inter-religiosa, às disputas políticas por recursos e às formas de ensino e aprendizagem da história. Uma edição que se compromete, enfim, com a pluralidade epistemológica e com a história pensada como prática social.

Para começar a seção de artigos livres, temos o trabalho de João Pedro Thimoteo, intitulado Transição política e contrarrevolução democrática no Brasil: luta de massas de cooptação política durante a fase final do regime ditatorial, que propõe uma leitura densa e provocativa sobre o processo de redemocratização no país. Dialogando com autores como Nicos Poulantzas, Daniel Bensaïd e Renato Lemos, o autor desafia interpretações institucionalistas e propõe compreender a transição não como ruptura, mas como rearranjo conservador que cooptou a luta de massas. O Partido dos Trabalhadores surge como objeto privilegiado de análise, enquanto expressão de resistências subalternas e alvo de processos de neutralização pelo regime. O texto oferece uma contribuição relevante para compreender os limites estruturais da democracia liberal e suas relações com o capitalismo periférico.

Matheus Goulart Tanhote apresenta o texto Identidade e memória coletiva: reflexões sobre o movimento negro contemporâneo, uma investigação teórica baseada em autores como Munanga, Sueli Carneiro, Frantz Fanon e Césaire. O texto propõe uma releitura das identidades negras no Brasil a partir da memória coletiva como instrumento de resistência e reposicionamento. Ao tratar do pacto narcísico da branquitude e da reconstrução das memórias negras, o autor oferece uma análise que ultrapassa o campo acadêmico e se insere nas disputas concretas pela afirmação de subjetividades historicamente marginalizadas.

Raphael Guazzelli Valerio e Matteo Allegrezza propõem em A governamentalidade neoliberal e os dispositivos de insegurança social como seu

paradigma uma sofisticada análise teórico-filosófica a partir de Michel Foucault e Giorgio Agamben. O conceito de “homem-empresa” e os dispositivos de insegurança são mobilizados para explicar a formação de sujeitos precarizados e atomizados pela lógica neoliberal. O texto oferece não apenas uma crítica ao presente, mas também uma contribuição ao campo dos Estudos Críticos da História e das epistemologias do poder.

Em *Fronteiras e convivências: representações de cristãos e muçulmanos na Península Ibérica medieval na Historia de Los Hechos de España (1243) e nos relatos de viagem de Ibn Battuta (1354)*, Livia Maria Albuquerque Couto propõe uma abordagem comparativa entre crônicas cristãs e relatos muçulmanos, revelando espaços de convivência, diplomacia e hibridismo cultural na Idade Média. A pesquisa desnaturaliza a narrativa da inimizade eterna entre cristãos e muçulmanos e contribui para um olhar mais complexo sobre as relações inter-religiosas.

No texto *A Carta de Veneza e o Programa ICMS: reflexões sobre as políticas de preservação cultural*, Carolina Saporetti, Daniele Arruda e Isadora Ribeiro articulam a história das ideias de preservação patrimonial às práticas brasileiras de proteção do patrimônio. Discutem criticamente o impacto da Carta de Veneza (1964) nas políticas culturais em Minas Gerais, destacando a experiência de Juiz de Fora com inventários participativos. Sublinham a necessidade de envolvimento comunitário nos processos de salvaguarda e propõem uma atualização crítica dos instrumentos normativos internacionais.

Em *Contribuições ao Ensino de História da África: levantamento e desenvolvimento de material didático lúdico sobre as mulheres Daomeanas*, Isabella Santos, Mirian Garrido e Anna Dias da Silva propõem uma ferramenta pedagógica baseada na metodologia do Estado da Arte. A proposta alia pesquisa histórica, formação docente e ludicidade, destacando-se como prática inovadora no Ensino de História da África.

E para finalizar a seção de artigos livres, Márcio Douglas de Carvalho e Silva apresenta *As disputas políticas em torno do fornecimento da carne verde no Piauí, na seca de 1877-1879*. A partir dos jornais *A Imprensa* e *A Época*, o autor reconstitui os embates entre liberais e conservadores sobre a destinação dos recursos públicos durante a seca. O artigo articula história política, econômica e social, contribuindo para a compreensão da pobreza como construção histórica e não apenas como catástrofe natural.

O ensaio de graduação desta edição revela potência criativa e compromisso com a formação crítica. Francisca Cibele da Silva Gomes, em *As memórias da infância na obra Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo, realiza uma leitura atenta de três contos da obra, utilizando o conceito de “escrevivências” para discutir infâncias negras atravessadas por pobreza, exclusão e reinvenção.

Encerrando esta edição, a seção de resenha traz o texto de André Luis Amorim de Oliveira sobre o Tomo I da obra de Vadim Rogóvin, *Havia alternativa ao stalinismo?*, publicada pela Editora Sundermann. A resenha percorre os principais núcleos temáticos da obra, com destaque para a atuação da Oposição de Esquerda liderada por Trotsky. Oliveira mostra como Rogóvin desafia as narrativas que naturalizam o stalinismo como inevitável e revela uma alternativa histórica real à burocratização soviética. Uma leitura essencial para historiadores do socialismo e das lutas políticas do século XX.

Que esta edição inspire novas leituras, provoque debates e contribua para os (re)fazer de nossos saberes históricos.

Setembro de 2025

As editoras:

Dolores Puga, Mariana Esteves de Oliveira,
Rubia Dara Leão de Jesus e Wayla Silva Sá